

## ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS NO RS: ARTE, TECNOLOGIA E MÍDIAS DIGITAIS NA OBRA DE VERA CHAVES BARCELLOS E REGINA SILVEIRA

Giovanna Graziosi Casimiro [1]  
Carlos Alberto Donaduzzi [2]  
Nara Cristina Santos [3]

### RESUMO

Este artigo trata da pesquisa Artistas Contemporâneos no RS: arte, tecnologia e mídias digitais, a partir de obras de dois nomes, entre os vários artistas gaúchos pesquisados: Regina Silveira e a obra *Descendo a Escada* (2002), e Vera Chaves Barcellos e a obra *Visitante Genet* (2001). A aproximação com a obra foi realizada por meios que permitissem sua análise, a partir dos processos de: criação, produção, visualização, disponibilização e manutenção, considerando os conceitos de interatividade e hibridação.

### ABSTRACT

*This article is about the research Contemporary Artists in RS: art, technology and digital media. Among many name, two artists and their art works were chosen to be analyzed: Regina Silveira – Descendo a Escada (2002) e Vera Chaves Barcellos – Visitant Genet (2001). The analysis was made by five aspects: creation, production, visualization, availability and maintenance, considering the concepts of interactivity and hybridization.*

### INTRODUÇÃO

Este artigo, na área da História a Arte Contemporânea, trata da pesquisa Artistas Contemporâneos no Rio Grande do Sul: arte, tecnologia e mídias digitais. Esta investigação surgiu como resultado de uma pesquisa anterior - História da Arte Contemporânea no Rio Grande do Sul, cujo

objeto de estudo era a produção em arte e tecnologia no estado, a partir de instituições culturais e de ensino, apontando as principais exposições e artistas. Ambos os projetos foram desenvolvidos no Laboratório de Pesquisa em Arte, Tecnologia e Mídias Digitais (LABART), vinculado ao grupo de pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq.

A pesquisa atual iniciou após o mapeamento anteriormente realizado, e seu foco está nos artistas vinculados à produção em tecnologia digital, suas obras/projetos em processo. A investigação desenvolve-se com uma abordagem qualitativa, com conteúdo evidenciado historicamente a partir de metodologias específicas de pesquisa em artes visuais, considerando artistas com produção constante e sedimentada em arte e tecnologia. A análise é desenvolvida por meio de algumas questões teóricas emergentes evidenciadas a partir das diferentes obras, como hibridação, interatividade, imersão, interfaces digitais, espaço virtual. Considerando os processos de criação, produção, visualização, disponibilização e manutenção as obras estudadas são analisadas. Diante dos artistas e obras, foram selecionadas para este artigo: Regina Silveira e Vera Chaves Barcellos. Regina Silveira, com sua instalação *Descendo a Escada* (2002), suscita a multisensorialidade, as possibilidades perceptivas e interativas através da mídia digital. A artista produziu a obra a partir softwares gráficos. Vera Chaves Barcellos se utiliza da hibridação da imagem em seu trabalho *Visitant Genet* (2001). Por meio de técnicas analógicas e digitais, cria-se uma instalação baseada na vida e obra de Jean Genet, escritor e teatrólogo francês. Estas duas artistas integram o conjunto de artistas levantados ao longo da pesquisa, que utilizam dispositivos tecnológicos digitais visando uma maior sensibilização e nova percepção do entorno, gerando uma experiência estética multisensorial através da interatividade.

#### REGINA SILVEIRA

Regina Silveira graduou-se em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul na década de 1960. Seus trabalhos iniciais foram com pintura, desenho e gravura. No final desta mesma década, a artista iniciou experimentos em serigrafia, offset, *blueprint*, xerox e microfilme. Em 1969 viajou para Porto Rico, onde se interessou pelas novas técnicas de reprodutibilidade. Na década de 1980, ela retornou ao universo acadêmico concluindo o mestrado e doutorado em

Artes Visuais na Escola da Comunicação e Artes da USP. Atuou como docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidad de Puerto Rico em Mayaguez, Fundação Armando Alvarez Penteadó e na Universidade de São Paulo.

Com produção reconhecida, Regina Silveira recebeu bolsas para desenvolvimento de pesquisas, da John Simon Guggenheim Foundation (1991), da Pollock-Krasner Foundation (1993) e da Fulbright Foundation (1994). Recebeu o Prêmio Sergio Motta para Arte e Tecnologia (2000), o Premio Bravo Prime de Artes Plásticas (2008) e o Prêmio de Artes para Pintura/Vida e Obra, da Fundação Bunge (2009). Entre as exposições e eventos que participou destacam-se: I Bienal de Havana (1984), Bienal Internacional de São Paulo (1981, 1983 e 1998), 7<sup>th</sup> Triennial of India (Nova Delhi, 1991), 2<sup>a</sup> Bienal do MERCOSUL (Porto Alegre, 2000) e da 6<sup>o</sup> Bienal de Taipei (Taiwan, 2006). Entre as mais recentes exposições coletivas, como convidada, estão “Máquinas de Mirar”, no Centro Andaluz de Arte Contemporáneo, Sevilha (2009), “Philagrafika 2010”, Philadelphia, EUA (2010) e “Tékhne”, Museu de Arte Brasileira da FAAP, São Paulo (2010).

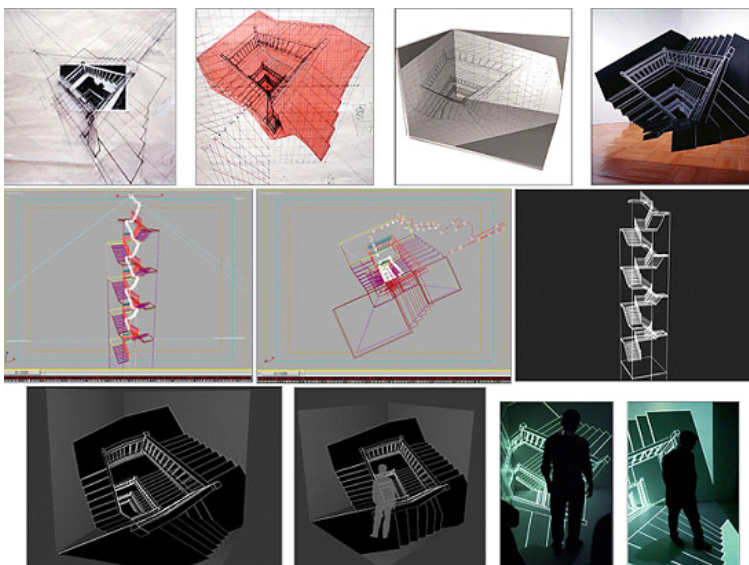
Os últimos projetos de Regina Silveira foram diretamente ligados a espaços externos ou internos de galerias e museus para gerar o questionamento de questões estéticas. Assim, ela estabelece com o ambiente, relações de profundidade e perspectiva. Alguns de seus trabalhos através das novas mídias ocorreram em ambientes urbanos, como grandes projeções a laser, permitindo novas percepções em torno da virtualidade. A partir de sua obra “Descendo Escadas” (2002) a artista buscou a interatividade e a reflexão sobre a imagem. A obra foi elaborada em parceria com o Itaú Cultural, tratou de uma releitura de um trabalho anterior, “Escada Inexplicável 2” produzida no ano de (1997).

DESCENDO A ESCADA (2002)



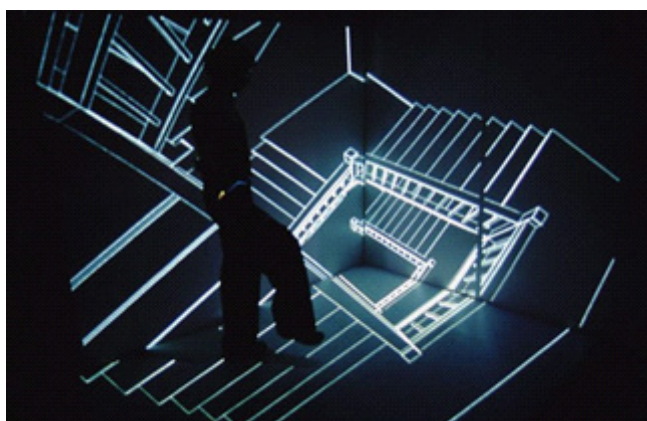
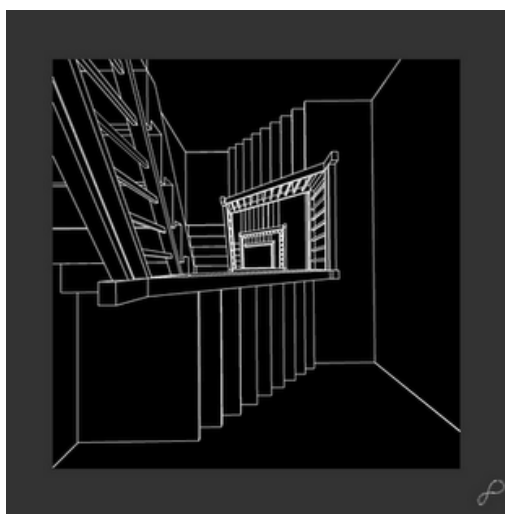
Escada Inexplicável II 1997

Escada Inexplicável foi realizada para integrar a mostra coletiva “Por que Duchamp?”, no Paço das Artes (1999). Uma obra produzida a partir de pintura sobre recorte de poliestireno e disposta em uma quina, na parede, contribuindo para sua visualização. Utilizando o ângulo de 90° entre duas paredes e a continuidade do piso da sala de exposição, a artista gera sensações a partir das questões de perspectiva e profundidade, destacadas principalmente pela representação de uma escadaria que apresenta distorções na sua estrutura. Ao observar a obra de lugares diferentes, é possível ver como a perspectiva é elementar, pois em cada novo ponto de vista parece haver alteração de sua estrutura. O ciclo criado nesta descida ou subida - depende da interpretação de cada um que a observa - transmite a ideia de que mesmo parada esta obra possui movimento.



Rascunhos, desenhos e projeto gráfico de Descendo a Escada (2002)

Diante das possíveis leituras a partir de sua obra criada em 1997, Regina Silveira desenvolveu um releitura intitulada “Descendo a Escada”. O objetivo da artista foi criar uma projeção, que comportasse o movimento subentendido na primeira obra. A imagem permanece a mesma de 1997, no entanto a artista uniu analógico e digital para gerar uma projeção que convida o espectador a se tornar elemento constituinte da obra e participar, interagir. Visualmente o que se vê é a estrutura de um triedro espacial formado pelo chão e pelo ângulo de duas telas verticais com a projeção de uma escada.



Descendo a Escada (2002)

Essa versão foi produzida a partir de softwares gráficos que possibilitaram criar imagens em movimento, logo, a sensação é de que o interator, ao participar da obra, “desce” as escadas. Além do movimento da escada, a instalação é composta por uma parte sonora, sincronizada as imagens. O interessante é que a imagem interativa gera curiosidade no expectador quanto ao que estaria no final da escada, porém quando a projeção chega ao fim ela retoma ao início do percurso, voltando ao princípio. Regina Silveira vincula o sistema sem fim da escada à vida, onde sempre há ciclos, que terminam e dão início a um novo, e assim por diante.

Ela é realmente uma escada que só desce [...] Então ao chegar nesse lugar, o fundo, ela volta subitamente. Ela é um pouco como a vida e aquele lugar lá embaixo é um final. Então esse descer e subir constantemente fazem dela ser este objeto de perplexidade. (Regina Silveira, <http://reginasilveira.uol.com.br>)

Ao longo do período expositivo, a obra ficou disponível para interação e foi registrada por meio de fotografias e vídeos. Sua manutenção ocorreu através dos dispositivos constituintes da instalação, como projeção, iluminação, trilha sonora, sensores de movimento e presença.





Descendo a Escada 2002 - Projeção sobre triedro espacial

Guilherme Kujawski, um dos curadores do Itaú Cultural de São Paulo, define bem a nova condição dos artistas na contemporaneidade ao afirmar que eles utilizam as tecnologias de seu tempo para se expressarem. Sem dúvida Regina Silveira exemplifica tal situação ao reutilizar um antigo conceito sob uma nova perspectiva, a partir de dispositivos digitais e de uma proposta interativa.

#### VERA CHAVES BARCELLOS

Vera Chaves Barcellos nasceu em 1938 na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Na década de 1960 estudou no exterior. A partir desta fase Vera iniciou técnicas mais tradicionais e dez anos depois passou a se dedicar a arte conceitual e a fotografia. Em 1976 Vera representou o Brasil na Bienal de Veneza, além de expor trabalhos coletivamente em outros países, como: Alemanha, Bélgica, Coréia, Japão, França, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos e Austrália.

Em seus últimos trabalhos se dedicou às possibilidades a partir do uso das mídias digitais. Entre as principais obras relacionadas às poéticas digitais, estão: *Memorial IV* (1992), *Nadadores* (1998), *Visitant Genet* (2001) e *Per Gli Ucelli* (2010).

Vera Chaves Barcellos mantém um site no qual estão disponíveis dados sobre sua carreira, obras, biografia, além de vídeos e imagens de seus trabalhos. Instituições culturais possuem obras da artista em seus acervos, como o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC),

o Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS) e também a Fundação Vera Chaves Barcellos que possui obras doadas pela própria artista, de seu acervo particular.

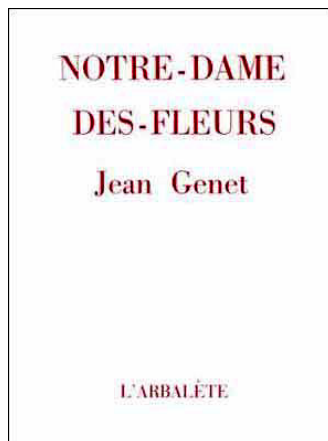
Vera foi uma das fundadoras do Centro Alternativo de Cultura Espaço N.O., em 1979, e da Galeria Obra Aberta, que infelizmente durou apenas três anos, contribuindo com o cenário artístico-cultural gaúcho e porto alegre. Em 2003, a artista inaugurou a Fundação Vera Chaves Barcellos. Dividida em dois espaços, o *Espaço 0* e o *Espaço 1*. O *Espaço 0* localiza-se no centro de Porto Alegre, onde funciona a administração e a sala de exposição; e o Espaço 1, em Viamão, onde se encontra a reserva técnica e estão guardadas as obras do acervo. Dessa maneira, a instituição tem como objetivo a preservação, pesquisa e difusão da arte contemporânea a partir da realização de exposições, seminários e debates.

#### VISITANT GENET



Vera Chaves Barcellos, Visitant Genet (2001)

O objeto central da instalação, o escritor e teatrólogo francês Jean Genet, nasceu em 1910 em Paris, atuando na vanguarda dos anos 40 e 50, e nos movimentos ativistas políticos. Intelectual autodidata, homossexual, marginalizado social, ele foi abandonado por sua mãe solteira e viveu depois de adulto de prisão em prisão na França e em vários países da Europa, até completar trinta e cinco anos, quando foi resgatado ao mundo intelectual francês, graças à anistia alcançada pela intervenção de outros intelectuais franceses, a exemplo de Jean Cocteau e Jean Paul Sartre.



Obras de Jean Genet

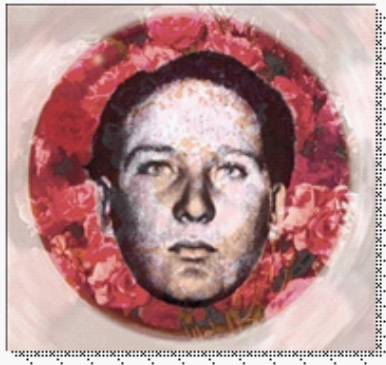
A instalação ocorre em quatro etapas e sobrepõem dados reais a fictícios, elementos analógicos e digitais. Vera Chaves de certa forma, também se apropria de trabalhos de outro artista visual, Hudinilson Junior, para levantar questões referentes à homossexualidade, fortemente presente na história de Genet. Apesar da grande importância de Jean Genet para o teatro de vanguarda do século XX, a obra de Vera tem como fonte de inspiração as peças *Journal Du Voleur*, *Notre Dame-des-Fleurs*, e *Le Miracle de La Rose*, todos de certa forma autobiográficos e extremamente sugestivos em imagens, tanto literárias quanto visuais. A artista propõe o uso de diferentes dispositivos digitais ao longo da instalação, como de projeções e vídeo-animação, geradas a partir de um programa de animação gráfica.

#### VISITANTE GENET : QUATRO NÚCLEOS.

O público é conduzido pela artista ao longo de quatro núcleos, compostos por diversos elementos relacionados à vida e obra de Jean Genet. Nessas etapas, há diversas técnicas, bem como apropriação de imagens, projeção, animação e impressão digital, softwares gráficos de edição de imagem e de geração de animações. Gradualmente, Vera Chaves parece preparar o público para o último momento da obra, que trata de uma simulação de visita a Jean Genet em pessoa, na prisão. Logo, toda a instalação vai encaminhando o público numa realidade referente ao universo particular do escritor francês.



### 1. Galeria de Retratos:



Imagens Galeria de Retratos

A primeira etapa, trata-se da galeria de retratos, cujo conteúdo compreende fotos de criminosos da época de Genet, misturadas às imagens de flores evocadas pelo autor no livro “Journal du Voleur”. São cerca de doze retratos de tamanho grande (100 cm x 92 cm), em impressão digital sobre linho.

### 2. Fotos dos “cadernos de referências” de Hudinilson Junior:



Cadernos de Hudinilson Junior



Sala de projeção com cadernos de Hudinilson Junior

Compreende uma série de 240 fotografias, constantemente projetadas, com imagens de um universo sugestivamente genetiano. Hudinilson Junior, artista convidado a participar do projeto, foi um dos fundadores do grupo 3nós3, que realizava intervenções artísticas na cidade de São Paulo. Trabalhou com o tema narcisismo e o universo homoerótico, lotando cadernos com colagens, mesclando suas próprias fotos com imagens impressas e fotocopiadas de revistas e jornais. Sua obra retrata não somente seu universo pessoal, mas vários aspectos da sociedade contemporânea.

### 3. Reservoir:



Objetos do Reservoir

Na terceira etapa da instalação, há uma mostra do caráter pseudo-museológico, onde os objetos concretos, dispostos em vitrines, sugerem personagens e situações de diversas obras ge-

netianas. São recriados objetos pessoais do ladrão, de Divine e outros. Entre os objetos de Divine, uma foto criada através do computador, de Genet, travestido em Divine, uma referência a uma das fantasias do próprio autor.

#### 4. Visita à prisão:



Marcel Lí Antunes em gravação do vídeo / Sequência da vídeo-animação

O último momento da obra é a convergência de todos os elementos até então apresentados ao público. Em uma sala escura, há a projeção de uma vídeo-animação, em tamanho real, na qual Jean Genet conversa diretamente com o público, numa condição similar a de um interrogatório policial. Com cerca de seus trinta anos, sentado em uma espécie de locutório, ela fala com o espectador, e a sensação que se tem é de que o escritor “revive”. A vídeo-animação foi construída a partir de um vídeo, restrito a cabeça, parte do corpo e mãos representadas pelo ator: Marcel-lí Antunes. Por meio de um software de criação de animações 3D, Vera gera uma animação do rosto de Jean Genet, e a sobrepõe digitalmente sobre a de Marcel-Lí Antunes. Com a luz de interrogatório - o que facilita a união da imagem virtual com o real na hora da construção do vídeo - obtém-se a vídeo-animação. Durante a projeção ele é visto sentado frontalmente, com os braços apoiados sobre uma mesa. O som, independente da imagem, busca significar a incomunicabilidade do preso com o mundo exterior, e também evitar a obviedade excessiva, e distanciar-se da ideia de um exagerado realismo na cena.



Animação do rosto de Jean Genet

A produção da obra *Visitant Genet* foi desenvolvida através de manipulação digital de imagens, modelagem e animação em 3D, e da vídeo-animação, criadas a partir de softwares gráficos com referência nas imagens de Jean Genet. As fotografias utilizadas na instalação dos “cadernos de referências” de Hudinilson Junior não foram elaboradas especificamente para esta obra, já que se trata de recortes do artista, dispostos e projetados na exposição. Logo, a visualização da obra ocorreu somente no espaço expositivo da instalação - dividida em quatro núcleos, com o objetivo de formar um conjunto coeso que abordasse e apresentasse os diferentes nuances do ambiente acerca da vida e obra de Jean Genet. O conteúdo da instalação foi disponibilizado somente no período de exposição, e posteriormente através de registros fotográficos e pelo site da obra (<http://www.verachaves.com/>). Sua manutenção ocorreu durante o período expositivo e consistiu no funcionamento dos dispositivos - projetores, sistema de som, luzes - em uso, visando manter a obra disponível ao público.

#### ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS: ARTE, TECNOLOGIA E MÍDIAS DIGITAIS

A partir do momento em que o artista não trabalha mais com materiais brutos, de natureza física ou energética, mas sobre materiais simbólicos como a linguagem da programação informá-



tica, toda a relação da arte com o real encontra-se alterada. As condições de criação não são mais induzidas essencialmente pela relação do artista e seu imaginário ao real, mas pela sua relação à simulação numérica do real, ou seja, o virtual cujos processos computacionais se interpõem inviavelmente, numa interface entre o artista e o real. (COUCHOT. 1998, p. 223)

Regina Silveira e Vera Chaves Barcellos representam a condição do artista contemporâneo, que busca experimentar a partir dos dispositivos digitais recentes para poder surpreender e alcançar níveis mais complexos de sensibilização e interação através de suas obras. Os artistas se encontram em um processo de experimentação diante do advento das tecnologias digitais e da cultura digital. Christine Melo (2008) trata sobre a cultura digital como um estado de experiência híbrida, pois nela há confrontos entre diversas realidades, ou seja, há mistura de naturezas e linguagens. Ocorre uma convergência midiática, onde os sistemas analógico e digital fluem entre si, além da própria condição espaço-temporal que é distorcida pelas realidades criadas a partir do meio virtual.

Conceitos como hibridação, interatividade, realidade virtual, interfaces são comuns nesse contexto da arte contemporânea. Ambas as artistas deste artigo fazem uso da hibridação de linguagens, além da tentativa de inserir o público no contexto de suas obras. A interatividade se faz presente principalmente na obra de Regina Silveira, enquanto a hibridação é utilizada por Vera Chaves Barcellos ao longo de toda sua instalação. Dessa maneira, os artistas, que trabalham com as poéticas híbridas, evidenciam um conjunto de sentidos, produzindo inúmeras possibilidades criativas e de interconexões na arte. A hibridação é um fenômeno constante na arte contemporânea, e não isoladamente em obras de alguns artistas e sim na própria condição dos dispositivos digitais, afinal se pensarmos os próprios dispositivos tecnológicos, estes tem natureza híbrida por si só. A hibridação pode se dar de duas formas no processo de criação artística: entre técnica/tecnologia analógica e tecnologia digital e a hibridação tecnológica do próprio dispositivo digital.

Regina Silveira, em *Descendo a Escada*, une a imagem analógica de 1997 às possibilidades tecnológicas da contemporaneidade, que resultam em uma imagem digital, projetada, e interativa por meio de sensores de movimento. Logo, a artista faz uso não somente da hibridação, como da interatividade e da apropriação de seu próprio trabalho (1997). A artista traz o público para dentro de sua obra como componente básico de seu funcionamento e significação, fazendo pontes com questões relacionadas à vida e aos ciclos intermináveis. Já Vera Chaves Barcellos faz uso mais evi-

dente da hibridação, porém em diferentes níveis em *Visitant Genet*. O primeiro híbrido diz respeito ao próprio significado da obra, no qual se contrapõe o verdadeiro (Jean Genet não mais vivo) ao imaginário (a possibilidade de visitar Genet na prisão), ou seja, a partir de fragmentos reais - livros, diários, notícias, obras -, concebe-se uma situação paralela à realidade comum, porém, parte da realidade do público que adentra a obra. Há também a mistura de elementos reais e ficcionais pertinentes à própria obra e vida de Jean Genet, na etapa em que expõe dados históricos (fotos de presidiários) e elementos lúdicos (*Reservoir*), sob o mesmo aspecto museológico. Ao usar as imagens de Hudinilson Junior, tratando da homossexualidade, a artista gera uma conexão entre presente e passado: propõe refletir quanto à condição de Jean Genet, - na década de 40 e 50 - e do próprio Hudinilson Junior, no presente.

#### CONSIDERAÇÕES

Ao utilizar as mídias digitais, os artistas contemporâneos somam técnicas e possibilidades, e geram outras sensações ao público. A pesquisa *Artistas Contemporâneos no RS: arte, tecnologia e mídias digitais*, reúne a produção de artistas gaúchos em arte e tecnologia, o que contribui não somente para o reconhecimento da produção no estado, como também para a produção nacional. É cada vez mais comum na contemporaneidade, os artistas trabalharem com arte e tecnologia, se adaptando aos novos dispositivos e sem dúvida fazendo uso da hibridação da imagem, de procedimentos ou mesmo de linguagens analógicas e/ou digitais. O próprio computador constitui-se como um sistema híbrido.

Por meio de novos aparatos tecnológicos o artista se permite criar e atingir o público de um modo diferenciado de sensibilização, pois estes instrumentos tecnológicos e digitais se mostram essenciais para trazer ao público um maior número de sensações, além da possibilidade de se sentir participante ou até mesmo interator. As tecnologias digitais propõem um novo modo de se vivenciar o entorno e como cada técnica e tecnologia não se anulam entre si, a percepção final do público é consequência da soma de todas as descobertas. Não bastasse a ampliação dos sentidos do expectador, por meio do caráter interativo da imagem digital, há certa alteração nas relações de temporalidade e espacialidade da obra. Neste artigo, constatou-se que, através dos dispositivos



digitais ambas as artistas desenvolvem seus projetos, inserem o público no universo próprio de suas instalações, suscitando questões referentes à interatividade e hibridação analógica e digital, contribuindo para pensar a produção da arte na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BELTING, Hans. **O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. (org). **O meio como ponto zero.** Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea** . São Paulo: Martins Fontes, 2005;

COUCHOT, Edmond in: PARENTE, André. **Imagem Máquina.** Ed. Janeiro: Ed. 34, 1993.

COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003;

DONADUZZI, Carlos; TELLES NETO, Henrique; WITT, Anelise. **Relatório do Projeto de pesquisa História da Arte Contemporânea no Rio Grande do Sul: uma abordagem a partir da produção em arte, tecnologia e mídias digitais, 2010, 120p.** Bolsistas PIBIC/CNPQ 2008-2010, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Nara Cristina Santos DAV/CAL/UFSM;

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

MELLO, Christine. **Extremidades do Vídeo.** São Paulo: Editora Senac, 2008.

PLAZA, Julio; TAVARES, Monica. **Processos Criativos com os Meios Eletrônicos: Poéticas Digitais.** São Paulo : Hucitec, 1998.

SANTOS, Nara Cristina. Arte (e) Tecnologia em sensível emergência com o entorno digital. Tese de Doutorado em Artes Visuais/UFRGS, 2004.

Referência Digital:

<http://reginasilveira.uol.com.br/>

CHAVES BARCELLOS, Vera. Visitant Genet. Disponível em: <http://www.verachaves.com/>

FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS. Disponível em: <http://www.fvcb.com/fvcb/site/>

[1] Acadêmica do curso de Artes Visuais/UFSM, bolsista PIBIC/CNPq 2012, bolsista PROBIC/FAPERGS 2011, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nara Cristina Santos. Integrante do LABART e Grupo de Pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq.

[2] Mestrando do PPGART/Artes Visuais/UFSM, bolsista CAPES/2012, bolsista PIBIC/CNPq 2011, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nara Cristina Santos. Integrante do LABART e Grupo de Pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq.

[3] Doutora em Arte Visuais/HTC, PPGAV/IA/UFRGS, 2004. Doutorado Sanduíche na Université Paris 8, França, 2001. Professora do DAV/CAL/UFSM desde 1993. Pesquisadora e Orientadora no PPGART/Mestrado em Artes Visuais/UFSM. Coordenadora do LABART e Grupo de Pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq. Em 2012 é pós-doutoranda no PPGAV/UFRJ.